

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

GRAZIELA AMANCIO DA SILVA KUBIAK

**A MITOLOGIA GRECO-ROMANA COMO INCENTIVADORA DO GOSTO
DISCENTE DE LER**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**CURITIBA
2015**

GRAZIELA AMANCIO DA SILVA KUBIAK

**A MITOLOGIA GRECO-ROMANA COMO INCENTIVADORA DO GOSTO
DISCENTE DE LER**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Marcelo de Lima

CURITIBA
2015



TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNO: Graziela Amancio Da Silva Kubiak

Polo: Polo Treze Tílias

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

A mitologia greco-romana como incentivadora do gosto discente de ler

Esta monografia foi apresentada às **10:30:00 AM h** do dia **3/12/2016** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em **Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, **Campus Curitiba**. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

| | | |
|----------|----------|---|
| 1 | | Aprovado |
| 2 | x | Aprovado condicionado às correções Pós-banca, postagem da tarefa e liberação do Orientador. |
| 3 | | Reprovado |

Professor Marcelo Fernando de Lima

UTFPR – PR

(orientador)

Professora Alice Atsuko Matsuda

UTFPR – PR

Professora Ana Paula Pinheiro da Silveira

UTFPR – PR

OBS: O DOCUMENTO ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADO NA SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA.

RESUMO

KUBIAK, Graziela Amancio da Silva. **A mitologia greco-romana como incentivadora do gosto discente de ler.** Curitiba, 2015. 26 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

A mitologia sempre foi um campo muito rico para inspiração principalmente no aspecto literário, deuses e heróis permeiam o imaginário de crianças e adolescentes. Dessa forma utilizar as narrativas mitológicas em sala de aula principalmente no ensino fundamental II pode ser a diferença quando o assunto é incentivar os alunos a gostarem de ler. Não apenas ler por imposição ou para preencher fichas de leituras, mas sim uma leitura prazerosa, em que se busquem bibliotecas e mídias para obter conhecimento. O intuito desse artigo é principalmente através de experiências pessoais demonstrar que os textos de narrativa mitológica são os aliados que muitos professores necessitam para a injeção de ânimo que muitos discentes necessitam.

Palavras chave: mitologia- literatura- leitura.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 5 |
| 2 REVISÃO DE LEITURA | 8 |
| 3 NOÇÃO DE LEITURA | 11 |
| 3.1 IMPORTÂNCIA DA LEITURA | 11 |
| 4 A NARRATIVA MITOLÓGICA | 14 |
| 5 METODOLOGIA | 16 |
| 6 RESULTADOS | 21 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 24 |
| REFERÊNCIAS | 25 |

1 INTRODUÇÃO

As religiões da Grécia e da Roma antiga já não existem. Os deuses do Olimpo foram transformados em personagens de literatura, lugar onde persistem e persistirão, pois ficam ligados à poesia e à prosa. Heróis e deuses permeiam o imaginário dos seres humanos desde a Antiguidade. Aventuras antes apenas narradas oralmente agora estão em obras que atravessam gerações. A questão relativa neste trabalho é como essas obras poderiam de alguma forma incentivar o gosto pela leitura no ensino fundamental II. De que forma trazer a narrativa mitológica para dentro de sala de aula poderia fazer com que os alunos se sentissem motivados a procurar as obras?

Essas questões, desde que respondidas, seriam norteadoras de uma forma de aprendizagem em que discentes buscassem não apenas ler impositivamente, mas por prazer, em busca de conhecimento, pois segundo Freire (1988, p 17):

A leitura não deve ser obrigatória, a leitura deve ser prazerosa, um bom livro lido com vontade, é como vivenciar com os personagens suas emoções, sentir suas dores, suas alegrias, suas tristezas, ter seus anseios, seus desejos, seus temores, viver sonhos como se o leitor quando está lendo se sinta dentro da história junto com os personagens, mas sabemos que são poucos os leitores que leem com prazer para assim se sentirem.

Dessa forma, visto que o objetivo primordial foi desenvolver estratégias docentes de incentivo motivadoras pelo gosto de ler, ao trabalhar com o aluno, o professor deveria despertar o desejo de ir além da leitura, ler em voz alta algumas narrativas, mostrando na entonação o prazer com a leitura de modo que ao ouvir, o discente se sinta motivado a querer saber mais sobre o conto lido em sala de aula, pois a contação de histórias pode vir a ser o primeiro passo para o estabelecimento do gosto pela leitura, pois segundo Freire, a leitura deve ser prazerosa.

Entretanto muitas são as questões que permeiam os problemas do ensino-aprendizagem dos alunos no ensino fundamental II. Elas vão desde o aspecto socioeconômico, até falta de motivação. Como diz Alda (2012, p. 3):

É por meio da leitura que o homem pode promover mudanças significativas em sua própria vida e no mundo. Mas então, por que os alunos, em sua maioria, não têm

esse hábito? O que o professor pode fazer para incentivá-los a essa prática? Que instrumentos podem ser utilizados no contexto em que vivemos, no qual a tecnologia coloca à disposição dos jovens uma infinidade de atrativos? Que textos podem atrair mais a atenção dos alunos que constituem o público-alvo da presente proposta, considerando que o livro sofre a concorrência e as influências tecnológicas, que atraem por meio de uma infinidade de jogos eletrônicos, imagens apelativas e sons variados?

De acordo com Alda, é muito complicado na atualidade concorrer com inúmeros outros atrativos midiáticos. Os estudantes, em sua grande maioria, não sentem atração alguma pela leitura, buscando de todas as formas fugir dos livros. Contudo, a necessidade de uma boa leitura é imprescindível, visto que é somente com o aprendizado constante que se tem uma leitura de mundo que realmente nos ajude a sermos cidadãos esclarecidos e atuantes na sociedade.

A ação partiu da concepção de que é fundamental que a escola, por meio dos educadores, aperfeiçoe o processo de incentivo ao aluno no hábito de leitura. Dessa forma, o objetivo do presente artigo é de apresentar estratégias motivadoras do gosto de ler. Levou-se em consideração as deficiências e a necessidade de prática de leitura e escrita de qualidade entre alunos da escola Padre Bruno Pokolm, situada em Videira-SC.

Como método de análise, buscou-se aplicar o método indutivo, que “parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares” (GIL, 2008, p.11). Neste artigo, buscou-se compreender as formas que levam o educando a ter prazer na leitura mediante temas diferenciados, aqui no caso, a mitologia greco-romana. Levou-se em consideração a afirmação de Gil, (2008) de que o conhecimento pode ser fundamentado na experiência, sem levar em consideração princípios preestabelecidos.

Nesse método, parte-se da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer, ou seja, entender como a mitologia pode ajudar os alunos do fundamental II a procurarem ler mais. Aplicou-se também o método hipotético-dedutivo, visto que os conhecimentos disponíveis sobre o assunto eram escassos, dessa forma foram formuladas conjecturas ou hipóteses.

Especificamente, procurou-se conhecer contos sobre mitologia refletindo sobre os aspectos históricos que envolvem a construção de um conto sobre narrativa mitológica, reconhecendo as principais características do conto e seu contexto. Dessa forma, realizou-se a análise da linguagem utilizada em narrativas mitológicas, trabalhando-a na esfera televisiva por reconhecer suas características, seu principal público, os temas geralmente abordados e sua finalidade de tal forma, sendo ressaltada a apresentação oral e expositiva dos alunos.

Buscou-se refletir sobre valores, preconceitos, o quanto isso influencia nossas percepções e reações frente a alguém ou alguma situação, trabalhando a oralidade dos alunos, desenvolvendo uma discussão positiva acerca dos temas propostos, criando textos coesos e coerentes, tratando de temas com os quais os estudantes se identifiquem, motivando a fruição como estratégia de leitura, visando formar leitores críticos e proficientes, trabalhando com gêneros textuais visando estimular o leitor a interagir com autor e obra, estimulando os alunos a criarem contos, visando a criticidade no texto.

Dessa forma, a proposta de tematização deste artigo pauta-se no trabalho com textos de mitologia greco-romana, que tratem de assuntos adjacentes aos interesses dos alunos e que, justamente por esta característica, despertem-lhes mais atenção e interesse, possibilitando-lhes, desta maneira, uma aprendizagem mais efetiva e satisfatória, pois como cita Juanito de Souza Brandão (1986, p. 36) *apud* Alda:

O mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo. Mito é, por conseguinte, a parole, a palavra “revelada”, o dito [...]. O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações.

Desta maneira, buscou-se apresentar aos alunos estratégias de leitura e escrita de maneira eficaz dentro de suas possibilidades atuais, introduzindo-lhes em um nível mais elevado de leitura e produção textual através de textos com temas sobre mitologia greco-romana, como os presentes nas obras de Monteiro Lobato, Rick Riordan, Franchini e Bulfinch. Desta maneira, pretendendo-se conseguir que os níveis de aprendizados aumentassem e que os alunos estivessem, ao fim das aulas, mais familiarizados com a palavra escrita e mais habilidosos para usá-las de tal maneira a produzir e reproduzir seus pensamentos, expressões, indignações, entre outros, ou seja, comunicarem-se melhor.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A leitura pode levar o ser humano a lugares inimagináveis, desde um simples quarto como no caso de Kafka, até mesmo a castelos fantasiosos como em Tolkien. As informações adquiridas durante o ato de ler são marcas que se levarão para sempre. Essas marcas serão mudanças profundas na vida do ser humano e no seu próprio mundo. Contudo, se a leitura pode e muda o ser humano, por que nossos alunos não têm esse hábito? O que nós profissionais da educação podemos fazer para mudar esse quadro? Como incentivar o gosto pela leitura?

Como concorrer com as novas tecnologias, visto que elas distanciam os alunos da prática da leitura dos livros impressos e dos clássicos da literatura? Que tipos de textos podem atrair significativamente os alunos? Essas indagações orientaram o desenvolvimento de uma sequência didática que tem como objetivo primordial desenvolver estratégias motivadoras do gosto de ler.

Tal objetivo se deve principalmente ao fato de que é fundamental que na escola, por meio de seus educadores, os alunos busquem a leitura e o gosto pela leitura. Dessa forma, destaca-se que ler não é apenas decodificar códigos mas sim uma atividade complexa de interpretação. É entender o que se lê como afirma Lajolo:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista”. (LAJOLO, *apud* GERALDI, 2001, p. 59)

Sabendo-se que ler é bem mais que apenas decifração, é impredicível que incentivemos nos educandos não apenas leituras obrigatórias em sala de aula ou como atividades entediantes, mas sim ler por prazer, pois: “Só há leitura quando há (ou, mais precisamente, quando houve) escrita.” (MORAIS, 1996, p 112). “Ler nas entrelinhas” é inferir algo que não está escrito a partir do que está escrito. A habilidade que está em jogo aqui ultrapassa o escrito para chegar à intenção (MORAIS, 1996, p. 112).

Lajolo (1982), citada por Geraldi (2001), expõe muito bem o sentido principal da leitura. Para a autora, a leitura ocorre a partir de uma relação estabelecida entre os conhecimentos prévios do prospectivo leitor, bem como da realização de inferências, intertextualidades e da construção de sentidos a partir da tomada de conhecimento de um

determinado texto. Esta concepção converge com Morais (1996), que enfatiza o fato de que leitura só pode ocorrer quando houve, em um momento anterior, a escrita, desconsiderando, desta maneira, as concepções de muitos autores que afirmam ser possível “ler” uma expressão fácil, a entonação da voz, etc. O autor, de maneira alguma, no entanto, detém uma concepção mecânica do que seria o ato de ler, pois admite a realização de inferências a partir de/como parte da leitura de um determinado texto.

Desta maneira, a concepção de leitura adotada na sequência didática aplicada centra-se na ideia, apresentada por Bezerra (2010), baseada em Certeau (1998) Kleiman (2004) e Koch e Elias (2006), de que:

[...] os sujeitos, dentro de uma concepção dialógica de língua, são vistos como atores sociais ativos, que se constroem e são construídos no texto como lugar de interação entre interlocutores. Nesta concepção, o foco não está voltado para um elemento em particular, mas para a interação entre leitor-texto-autor[...] (BEZERRA, 2010, p. 59)

Qualquer leitura, para que ocorra efetivamente, necessita ser embasada solidamente por princípios e práticas de leitura eficiente e que tratem desta atividade com seriedade. Portanto, o objetivo é não apenas conscientizar os alunos sobre a importância do ato de ler, assunto tão amplamente abordado em algumas escolas, como fazê-lo de maneira satisfatória e que favoreça seu desenvolvimento, não apenas intelectual, mas humano e social também.

Além disso, algo que deve ser levado em consideração, e também citado e tratado por Bezerra (2010), é o fato de que a leitura por prazer ajuda na formação de leituras proficientes. Segundo a autora, muitos alunos consideram as aulas de língua portuguesa maçantes devido ao conteúdo restrito à gramática, a exercícios, correção, leitura mecânica e não produtora de sentidos. Além disso, a escrita expõe, pertinentemente, que os alunos do II ciclo do ensino fundamental:

São mais velhos e, geralmente, muito críticos consigo mesmos e também uns para com os outros, de tal maneira que o simples ato de ler uma frase em voz alta ou escrevê-la na lousa pode gerar sentimento de vergonha ou inadequação. Nesse sentido, talvez o maior desafio para o professor, no intuito de ajudar o aluno a desenvolver suas habilidades de leitura e escrita, seja criar as condições para que ele leia e escreva frequentemente, de forma confiante e significativa, o que tornará essas atividades prazerosas, a despeito de sua complexidade” (BEZERRA, 2010, p. 148)

Por meio da leitura de contos mitológicos preparados especialmente para chamar atenção dos alunos, a leitura por fruição poderá ser de ajuda no início do processo de formação de leitores bastante capazes. Diz-se “início” porque a esse tipo de leitura é um caminho possível, mas obviamente não o único e nem todo ele, sendo considerado, desta maneira, um ponto de partida.

3 NOÇÃO DE LEITURA

Quando lemos um texto, tentamos atribuir significados a ele e, para isso, usamos várias estratégias a fim de facilitar a nossa leitura. A participação do leitor é fundamental para a construção dos sentidos do texto. E o que isso quer dizer na prática?

A convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema, com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais poderiam nos apontar para uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens não são alternativas. Elas se articulam. E é essa articulação que deveria ser explorada no ensino da leitura, quando temos como objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno. (Scoparo (2012, p. 90) apud Orlandi 2000, p. 40)

Quer dizer que é muito importante confrontar as informações obtidas na leitura de um texto com os conhecimentos que você já tem da realidade, adquiridos em sua vida. Quando lemos e comparamos a leitura que fazemos com a realidade, ela passa a ter uma nova dimensão e o nosso entendimento passa a ser mais fácil, além de tudo, obtém-se uma leitura harmoniosa e de inteira satisfação.

3.1 IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Em nossa vida lemos a todo o momento (livros, revistas, jornais, placas, bulas de remédio, contas em geral, correspondências, anúncios, mapas, gráficos etc.). A leitura pode ser, portanto, uma fonte de aprendizagem, de informação, de lazer. O bom leitor forma-se pela prática constante da leitura.

A leitura nunca é demasiada, só prolifera o nosso conhecimento, torna mais amplo e começamos a ter novos olhares sobre o que nos rodeia e, conseqüentemente, do mundo. A leitura é uma ferramenta muito importante. Através dela conseguimos nos comunicar melhor, adquirir conhecimentos e até repassar esse conhecimento obtido como forma de transmissão de aprendizagem.

uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se. Daí poder-se tomar a relação entre expectativas do leitor e a obra em si como parâmetro para a avaliação estética da literatura. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 83)

É importante adquirir o gosto pela leitura, e é o que muitas vezes falta entre as pessoas. Atualmente existem variedades de leituras e nos detemos mais ao que nos dá conforto e o que não nos exige tanto, os meios de comunicação e informatização. De certa forma se torna mais fácil apenas pegar algo pronto na wikipédia, por exemplo, e simplesmente copiar sem nem ao menos ler. Alguns alunos acabam achando que por estar na internet a informação está correta, nem ao menos questionam o que leem.

Ler nos torna sábios e inteligentes e quando feita de maneira prazerosa, sem cobranças, no sentido de fichas de leitura enfadonhas, por exemplo, abre possibilidades para novos pensamentos e ideias que nos tornam seres cada vez mais capazes, confiantes e flexíveis.

a. Objetivos de Leitura

O leitor tem diferentes objetivos em relação àquilo que lê. Exemplo: a leitura de um poema. A leitura é feita para fazer o estudo do texto, para senti-lo e compreendê-lo criticamente. Caso se faça a leitura desse mesmo texto, em outra ocasião, por escolha própria, a estará realizando com outra finalidade, por lazer.

Há vários tipos de leitura, com objetivos diversos. Os procedimentos de leitura dependem das intenções e necessidades do leitor. Podendo-se resumir: a leitura do ambiente que é a que fazemos para responder às necessidades de comunicação com as demais pessoas de nosso convívio: placas, sinais, avisos, etc; leitura para informação que usamos para solucionar dúvidas e obter respostas para uso imediato: consultas ao dicionário, lista telefônica, bulas de remédio e outros.

Uma pessoa pode também ler um romance para conhecer os costumes de uma época passada, havendo também a leitura para lazer feita por escolha própria, como já afirmamos. Qualquer texto (romances, jornais, mapas, etc.) pode ser lido para ocupar o tempo de maneira agradável, dependendo do gosto pessoal de cada leitor. Outra modalidade é a leitura para estudo do texto que é praticada, sobretudo por disciplinas escolares, como Língua Portuguesa, caracterizando-se como uma atividade que estimula a construção dos sentidos do texto e uma

reflexão crítica sobre ele. É também um exercício que nos ajuda nas demais leituras que fazemos nas várias situações da vida.

Finalizando, complementa-se com a leitura pretexto que tem a finalidade de coletar e reunir conhecimentos a respeito de um assunto para produzir outro texto. Como por exemplo, para escrever uma matéria, um jornalista precisa, muitas vezes, coletar informações em vários textos. Um mesmo texto pode ser lido em momentos diferentes com objetivos variados. A leitura de um mapa, por exemplo, pode ser feita para estudo do texto (Geografia, História), para se informar (localização), por simples curiosidade (conhecer novos lugares).

b. Modos de Leitura

A leitura de livros deve ser feita de forma global, do começo ao fim. Pois bem, o objetivo que o leitor tem em mente ao iniciar uma leitura é um fator muito importante, mas o modo como ele lê também deve ser considerado. Alguns dos modos de leitura que podemos salientar são: a leitura global, em que o leitor lê o texto todo, relaciona ideias e constrói sentidos para o que leu, aqui sendo o caso do leitor de consegue estabelecer conexões, por exemplo, ao ler Orfeu e Eurídice e vê o conceito do amor extremo como é o caso de outros romances mundiais como Tristão e Isolda e Romeu e Julieta.

Há também o texto de informação científica, em que a leitura tópica que o leitor faz ajuda a identificar no texto informações pontuais que lhe interessam. Por exemplo, ao consultar um dicionário, você busca uma determinada informação que lhe interessa naquele momento. Como se pode perceber, são as características de um texto e os objetivos do leitor que vão orientar o modo ou os modos como esse texto pode ou deve ser lido. Às vezes, o leitor emprega mais de um modo de leitura, conforme as necessidades de interação com um determinado texto.

Assim, percebemos que não é apenas orientar os discentes na aula de leitura que os fará leitores e sim, escolher bem os textos, atraí-los para algo que chame a atenção, como é o caso da narrativa mitológica que bem orientada e com textos bem selecionados pode ser o primeiro passo para “criar o gostar” de ler.

4 A NARRATIVA MITOLÓGICA

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (ELIADE, 1978, p. 11 apud Monfardini)

A narrativa mitológica descreve acontecimentos que ponderam a respeito do ser humano, expõem não apenas a origem de tudo, mas os episódios primordiais que originaram a condição do homem no mundo. São as respostas para inquietações dos povos antigos e dos atuais que buscam de alguma forma entender quem somos e porque estamos aqui.

Monfardini, ao citar Ernst Cassirer (1985), coloca que em todas as cosmogonias míticas, a palavra assume um caráter de arquipotência, sobrepondo-se ao poder dos próprios deuses ou confundindo-se com eles. Analisando essa relação entre o mito e a linguagem, Cassirer aponta para a possível existência de uma raiz comum que une a consciência linguística à consciência mítica, assentando, finalmente, que ambas repousam sobre uma mesma forma de concepção mental: o pensar metafórico.

O mito responde ao inexplicável. Dessa forma, a recorrência à narrativa mítica, apresenta-se como uma forma alternativa de reflexão sobre problemas insolúveis, revelando ao mesmo tempo a complexidade da vida humana e a inescrutabilidade de seu sentido. De alguma forma, vindo então ao encontro dos problemas que os jovens e adolescentes encontram em suas vidas.

A importância do estudo da mitologia greco-latina é destacada pelo professor Aécio Flávio de Carvalho (2012, p. 3) *apud* Alda (2012, p. 7) da seguinte forma:

O estudo da mitologia é instrumento importante para o conhecimento da cultura, em geral, e da literatura em particular (como manifestação especial de qualquer cultura). No caso específico da literatura latina, pode-se afirmar, sem a menor dúvida, que – tal como os gregos – os latinos dependeram da mitologia para a realização de sua arte literária. O conhecimento dos elementos básicos da mitologia grega e latina é, pois, pré-requisitos para o melhor entendimento das obras literárias dos gregos e dos latinos. E, dada a enorme influência que estes tiveram sobre toda a literatura ocidental, o estudo da mitologia greco-latina fornece subsídios à compreensão dos fatos culturais de qualquer uma das culturas ocidentais...

Dessa forma, pode-se inferir que a leitura de textos da mitologia é de essencial importância para que se possam abranger perfeitamente as atitudes dos homens diante das forças da natureza, pois os mitos demonstram essas noções.

Pode-se confirmar tal afirmação através das palavras de Juanito de Souza Brandão (1986, p. 19) *apud* Alda (2012, p.7), segundo o qual “[...] o mito se apresenta como um sistema, que tenta, de maneira mais ou menos coerente, explicar o mundo e o homem”. Assim sendo, quando nos referimos ao mito, isso nos remete à leitura de clássicos. Contudo, o termo leitura de clássicos já assusta a adultos, o que se dirá de adolescentes que veem nos clássicos apenas algo desmotivador e enfadonho?

Diante de tal afirmação, podemos entender que bem orientada a leitura de mitos no fundamental II, teremos alunos que podem vir a gostar da leitura dos clássicos, pois, mesmo ao citar Camões, alguns, ao conhecerem a história, vão perceber os deuses envolvidos e toda a aventura presente e, dessa forma, acabam por superar os preconceitos com algumas obras denominadas “clássicas”. Como afirma Ana Maria Machado (2002, p. 13-14) *apud* Alda, (2012, p.9).

Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros com nossos mestres da língua portuguesa terão boas probabilidades de vir a acontecer quase naturalmente depois, no final da adolescência. E podem ser grandemente ajudados na escola, por um bom professor que traga para sua classe trechos escolhidos de algumas de suas leituras clássicas preferidas, das quais seja capaz de falar com entusiasmo e paixão.

Desse modo, é necessário escolher bem os textos, trazer para a sala de aula, utiliza-se de boa entonação, ler em sala, interpretar diante dos alunos para que os discentes gostem do que ouvem e de tal forma acabem buscando a leitura como uma fonte de prazer. A obra *As mil de uma noite* poder-se-ia ser citada como uma fonte de inspiração, Sherazade a protagonista para salvar sua vida narra uma história por vez ao rei, suas narrativas encantam o soberano e salvam-lhe a vida. Neste caso os educandos também podem ser encantados por narrativas belíssimas assim como o soberano foi e dessa forma perceber o mundo por uma perspectiva diferente.

5 METODOLOGIA

Primeiramente, foi elaborada uma sequência didática para uma turma de oitavo ano, do Ensino fundamental, da Escola de Educação Básica Padre Bruno Pokolm, situado na cidade de Videira (SC), levando em consideração que esta seria de fundamental importância para que o resultado fosse obtido, pois a escola está inserida em um meio socioeconômico em que a leitura não é vista como algo importante.

O objetivo primordial era que os alunos desta série, a partir do conhecimento de histórias da mitologia grego-romana, viessem a buscar uma leitura mais autônoma, ou seja, realizada com mais frequência e que o interesse despertado servisse de motivação.

Foram privilegiados os textos: “Minerva e Aracne”, “Orfeu e Eurídice”, “Netuno, o senhor dos Mares” e “O toque de Midas”.

A sequência didática foi realizada da seguinte forma: durante dois meses em quatro aulas semanais, os textos de narrativa mitológica foram estudados pelos alunos. Os textos impressos foram entregues após a narrativa oral realizada pela professora. Cada sequência levou cerca de quatro aulas, ou seja, duas semanas de aula.

Primeiramente, analisavam-se os conhecimentos prévios dos alunos sobre o texto a ser estudado, após era feita uma contação pela professora da sala, em seguida conversava-se sobre o mito, buscando sua interpretação. Após os comentários, era entregue o texto impresso e com esse era feita uma leitura em voz alta com todos os alunos, grifando palavras complexas para busca no dicionário.

Na sequência, era novamente realizada a interpretação, mas com perguntas direcionadas e então a professora fazia sugestões de filmes e livros que poderiam tratar da temática. Neste momento, foi acrescida ao trabalho a realização de falas dramatizadas a pedido dos alunos que acharam interessante preparar uma dramatização, pois visavam uma possível apresentação para toda a escola dos temas estudados.

Após os questionamentos iniciais, deixava que os alunos comentassem sobre os assuntos e então iniciava a contação da história pela professora, primeiramente, com entonação e entusiasmo, pois este primeiro passo é essencial para os alunos perceberem que o professor também se alimenta da literatura, pois segundo MAGNANI (2001, p. 139):

O professor é, concomitantemente, alguém que participa ativamente desse processo, alguém que estuda, lê e expõe sua leitura e seu gosto, tendo para com o texto a mesma sensibilidade e atitude crítica que espera de seus alunos. Para seu trabalho prático, os critérios de seleção de textos devem ser, entre outros, aqueles decorrentes da sua ‘frequentação de leitura’.

Os alunos percebem quando o professor não tem a “frequentação” de leitura citada por Magnani, e dessa forma não sentem-se incentivados a procurar por essa leitura, visto que o exemplo é algo que muitas vezes motiva além de simples palavras.

Com a leitura inicial finalizada, a professora questionou os alunos sobre o que acharam da história, se gostaram ou não. A partir disso, foi entregue o texto impresso para leitura. Após a leitura, foram instigados a procurar as palavras que acharam complexas e de difícil entendimento. Elas então foram grafadas e os alunos, com o uso de dicionários, buscaram o significado.

Com os significados esclarecidos, buscou-se conversar sobre a explicação das histórias lidas. Então, foi entregue um banco de questões que enfatizavam a interpretação.

1. Sendo Minerva a deusa da justiça, como podemos analisar o seu comportamento diante de Aracne?
2. Como podemos descrever a personalidade de Aracne?
3. Durante a narrativa, há um duelo entre uma humana e uma deusa imortal. Explique por que, mesmo transformada em aranha, Aracne ainda assim “venceu” a deusa?

Após a correção da interpretação, os alunos foram motivados a realizar a dramatização da história por seus próprios colegas. Dessa forma, foi feita uma roda de leitura no chão da sala. No primeiro momento, foi feita a leitura dramatizada em que cada aluno ficou responsável pela fala de cada personagem e um outro, pela parte do narrador. A partir dessa leitura, os alunos se entusiasmaram para realmente teatralizar o texto e foi realizado fora da sala de aula, em um jardim da escola.

Em “Orfeu e Eurídice”, primeiramente, analisaram os conhecimentos prévios dos alunos. A professora comentou que se tratava de uma história de amor e os questionou sobre quais histórias de amor eles conheciam. Alguns citaram novelas globais ou mexicanas e alegavam que essas histórias com beijos eram histórias de amor.

Dessa forma, foram questionados sobre qual seria a maior história de amor que eles conheciam não apenas de novelas e filmes. Então, a maioria concordou que a maior era Romeu

e Julieta. Questionados sobre o porquê de ser a maior de todas, eles disseram que o motivo é que os protagonistas morrem no final.

Então, foi aplicada a sequência de trabalho do texto anterior e na interpretação foi questionado o seguinte:

1. Podemos perder a vontade de viver, se ficarmos sem a pessoa que amamos?
2. O que pode destruir o verdadeiro amor?
3. Quando se casou, qual era a maior felicidade de Orfeu?
4. Qual a condição que Plutão impôs a Orfeu? Você acredita que ele poderia ter cumprido tal condição?
5. Orfeu, ao fim da narrativa, conseguiu ser feliz? E Eurídice?

Nessa narrativa, os alunos não demonstraram interesse em realizar a teatralização. Os meninos recusaram-se a participar de uma peça que envolvesse amor. Assim foi solicitado que lessem na sala informatizada o resumo da obra “Romeu e Julieta” para comparação com o texto de “Orfeu e Eurídice”. A professora também comentou sobre a obra “Tristão e Isolda”, texto esse que fala de temas pertinentes à temática desse segundo texto. Novamente os meninos reclamavam bastante, dizendo que esse tipo de história não tinha graça, contudo, as meninas fizeram um excelente trabalho.

Um fato bastante interessante nesse caso foi à recusa dos meninos, a negativa deles se deve principalmente a influência do jogo “*God of Wars*”, para eles mitologia deve principalmente ter batalhas e não histórias de amor.

O texto “Netuno, o senhor dos mares” gerou bastante polêmica. Primeiramente, porque eles não associaram Netuno com Poseidon e após, pela fala de Netuno sobre o repositório de sêmem. Sobre o primeiro aspecto, ao realizarem a associação imediatamente, comentaram sobre Percy Jackson e o fato de ele ser filho do deus. Neste caso, a maioria dos alunos conhecia os filmes e perguntavam até que ponto as histórias se pareciam. Também aqui foi citado o filme “Fúria de Titãs” e os alunos comentavam sobre os deuses que apareciam bem como o jogo “*God of War*” que também possui a temática da mitologia greco-romana.

Quanto ao segundo aspecto, o teor sexual acabou por resultar em piadinhas por parte de alguns meninos sala, pois temas relacionados à sexualidade são sempre alvos de

comentários perniciosos nesta sala de oitavo ano em especial, pois encaram tudo de forma imatura. Ressalta-se também que isso partiu de um grupo de quatro meninos.

Como comentário pessoal é possível dizer que embora a questão sexual nessa idade seja bastante aflorada alguns meninos comportam-se de maneira imprópria quando toca-se em assuntos de questão sexual. Uma possibilidade para a explicação de tal comportamento talvez seja o meio social em que vivem onde o sexo é totalmente banalizado.

A interpretação aqui em relação as questões deu-se principalmente da seguinte forma:

1. Até que ponto os pais podem decidir o destino dos filhos? Você achou correta a atitude da mãe de Anfitrite?
2. Levando em consideração, a forma inusitada do pedido de casamento, Anfitrite agiu corretamente ao aceitar?
3. Quais aspectos podemos considerar positivos na mudança de Netuno? Uma pessoa pode mudar por quem ama?

Esta narrativa também não teve sucesso na questão teatral, contudo, na questão da leitura, alguns alunos buscaram na biblioteca da escola a coleção do Percy Jackson para leitura da obra. Enquanto que os que não conheciam o filme, comentaram em aulas seguintes que assistiram para compreender melhor o mundo da mitologia.

A quarta narrativa teve como tema “O toque de Midas”. Os alunos gostaram muito desse texto e no início, assim como o próprio rei ficaram fascinados pela ideia de poder ter o toque do ouro, porém, ao final da narrativa, mudaram de pensamento e chegaram à conclusão que existem aspectos na vida que devem ter mais valor e não apenas as riquezas materiais. Deve-se colocar que alguns alunos discutiram a ideia de forma diferente, dizendo que na verdade, Midas deveria ter pedido o poder de transformar e destransformar como quisesse. Assim, poderia ficar para sempre como rico e poderoso e também com as pessoas que amavam. Nesse momento, a professora julgou interessante contar a outra história de Midas e as orelhas de burro para que os alunos percebessem os vários erros cometidos por julgamentos errados.

As questões pertinentes nessa interpretação foram:

1. Midas agiu corretamente ao realizar seu pedido? O que poderia ter desejado ao invés do toque de ouro?
2. Neste caso podemos dizer que houve o castigo dos deuses?
3. Você achou necessário o que Midas fez no final da narrativa? Sabendo como a história continua, Midas mudou?

Esta narrativa incentivou os alunos para dramatização das cenas, o que se tornou bem divertido, pois os alunos gostaram da temática e de imaginar o toque do ouro.

6 RESULTADOS

Os resultados obtidos foram satisfatórios, visto que, apesar de quatro alunos, não terem levado a sério a temática proposta em sala de aula e apenas um não ter tido aproveitamento geral, 96,27% da turma de oitavo ano composta de 27 alunos, sendo 15 meninas e 12 meninos, atendeu as expectativas.

A pesquisa qualitativa foi realizada através da observação em sala de aula com os alunos do oitavo ano. Foram aplicados textos de narrativa mitológica, tendo em vista que o objetivo primordial era comprovar que estes podem chamar mais atenção dos alunos que outros textos como quadrinhos, crônicas etc, sendo estes um gênero textual para incentivar o gosto discente de ler. A partir da leitura, eles buscaram saber mais sobre o assunto, ou procuraram na internet ou em livros.

Leram os textos e se esforçaram nas interpretações, buscando realmente compreender o que falava a narrativa estudada.

Esses alunos também buscaram aprender mais sobre a mitologia grego-romana através de filmes e livros (livros esses que foram comprados pela direção da escola para atender o projeto). Eles comentavam sobre a diferença que existia entre o filme e o livro que é uma crítica positiva.

Percebeu-se também que o fato de existir o filme atraiu alguns alunos para a leitura, pois acharam interessante que um livro possa ser adaptado para um filme. Pode afirmar que se aplicou nas sequências uma forma do método recepcional visto que esse também quebra o tradicionalismo das aulas de língua portuguesa.

O método recepcional é contrário às tradicionais teorias dominantes, uma vez que o ponto de vista do leitor é fator imprescindível, e defende a ideia do relativismo histórico e cultural, que se apoia na mutabilidade do objeto, assim como da obra literária dentro de um processo histórico. Trata-se, portanto, de um método eminentemente social, pois há uma constante interação das pessoas envolvidas, considerando-as sujeitos da História. A obra literária é uma estrutura lingüístico-imaginária, constituída por pontos de indeterminação e de esquemas de impressões sensoriais, que – no ato da criação ou leitura – serão preenchidos e atualizados, transformando o trabalho artístico do criador em objeto estético do leitor. Estamos diante, portanto, de um ato de comunicação entre escritor-obra-leitor. Campos (2006: p. 42)

A apresentação e interpretação da leitura através de teatro também agradaram aos alunos que buscavam uma leitura mais atenta e alguns até procuraram saber mais sobre seus personagens em pesquisas na internet para compreender melhor a mitologia.

Pode-se afirmar que no que refere ao incentivo à leitura por meio de textos de narrativa mitológica o objetivo foi parcialmente atingido. As leituras realizadas em sala de aula foram apreciadas de forma positiva, a linguagem presente nos textos auxiliou na ampliação do vocabulário, assim como muitos dos alunos buscaram saber mais sobre os mitos lidos. Contudo, deve-se ressaltar que a primeira leitura e o entusiasmo da professora durante o primeiro momento da leitura foram de fundamental importância para que os alunos buscassem interessar-se sobre o assunto.

Na primeira leitura, a grande maioria da turma interessou-se e buscou realmente compreender a história narrada. Pode-se afirmar que 96,27% da turma neste caso aceitou bem, enquanto que um aluno que ficava de brincadeiras não participava das atividades, pois não estava interessado na aula.

Na segunda narrativa, embora a turma seja de 15 meninas e 12 meninos, pode-se afirmar que a narrativa foi aprazível para 74,07% da turma o que representou 15 meninas e cinco meninos. 25,93% não gostaram de temas que envolviam amor, pois acham que isso não é pertinente a meninos devido principalmente aos jogos de lutas que envolvem a mitologia, de certa forma um reflexo de uma sociedade machista onde o homem deve apenas ser o lutador e a mulher a princesa apaixonada.

A terceira narrativa teve a rejeição de 14,81% da turma o que representava os quatro meninos que depois de ouvir algo de teor sexual não paravam com as piadinhas. No entanto, o restante da turma considerou o tema pertinente, tanto que neste momento citaram outras obras e também, a partir dessa leitura, buscaram saber mais sobre os deuses em livros da biblioteca da escola.

A quarta narrativa teve a melhor aceitação, pois gostaram do fato de alguém poder transformar tudo que quisesse em ouro. Entretanto, ao entenderem que na verdade a escolha foi uma maldição, entraram em um consenso de que nem sempre o dinheiro é tudo na vida, que devemos valorizar as pessoas e o que temos.

Partindo do método hipotético-dedutivo, pode-se afirmar que os textos cumpriram seu propósito, visto que, em especial, nesta turma é muito complicado levar leituras e prender a atenção dos alunos, pois estes não acham que o mundo da leitura dos livros impressos e dos

clássicos seja aprazível em comparação a redes sociais. Deve-se ressaltar que o fato de alguns alunos, mesmo que sejam poucos, neste caso seis, buscarem na biblioteca leitura das obras relacionadas ao tema estudado já é um ponto positivo para que a leitura se torne uma atividade para sua evolução e crescimento como aluno e cidadão.

Também deve-se destacar que a escola somente tinha seis edições dessas obras, o que deixa vago se outros vieram a buscar conhecê-las. Contudo, pela forma que comentavam sobre as obras na sala, deduz-se que outros virão a procurá-las, bem como um dos alunos que comprou a obra “*God of War*” para conhecer mais sobre o mundo dos deuses bem como nos jogos.

Quanto à produção textual destacada como objetivo no início do artigo, devo dizer que não foi possível aplicá-la em tempo hábil, mas esta poderia ser considerada uma frutificação dos temas abordados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como finalidade comprovar que os textos de narrativa mitológica podem ser uma forte ferramenta na luta diária que muitos professores de língua portuguesa tem acerca dos alunos não leitores. Buscou-se aplicar textos que os interessassem, visto que muito pouco chamava a atenção de alguns alunos em sala de aula quando a questão era a leitura.

No que refere ao incentivo, pode-se dizer que o objetivo foi parcialmente atingido, durante as leituras em sala de aula. Eles se motivavam e até comentavam, mas não buscavam a leitura fora desse ambiente. No entanto, alguns dos alunos buscaram e, neste caso, estes foram alcançados, o que torna a hipótese que os textos de narrativa mitológica atraem os alunos, pois muito sobre esse assunto se tem na mídia o que favorece a divulgação da temática.

O trabalho com a leitura é exaustivo e não termina, é algo que se deve aplicar diariamente. Os alunos devem ser constantemente incentivados a ler, caso contrário, o trabalho não vale nada, bem como o professor ser um assíduo leitor para demonstrar sua paixão e assim cativar a quem quer atingir.

Tendo percebido que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como vêem seu mundo, os alunos, nessa fase, tomam consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura. Cotejando seu horizonte inicial de expectativas com os interesses atuais, verificam que suas exigências tornaram-se maiores, bem como sua capacidade de decifrar o que não é conhecido foi aumentada. (AGUIAR E BORDINI, 1993, p.90-91)

A mitologia é um campo rico que deve ser explorado. Os professores podem e devem procurar tais narrativas para auxiliar seu trabalho em sala de aula, principalmente, na atualidade visto que o termo mitologia é de conhecimento de adolescentes que gostam de filmes e jogos virtuais, como Percy Jackson e God of Wars. Se eles gostam dessa temática, por que não usá-las de forma positiva, sem preconceitos ou alienações?

Percebe-se dessa forma que o ato de leitura necessita ser formado em sua perfeição, de modo a desenvolver leitores que, no aprendizado, sejam capazes de edificar conhecimentos e emoções, assim como se tornar um leitor mais proficiente, crítico, adequado a inteirar com o mundo e com a sociedade, aperfeiçoando o conhecimento que já tem.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de e BORDINI, Maria da Glória. **Literatura e Formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- ALDA, Rosângela. A sedução do mito como incentivo à leitura mediante o recurso do blog, no Ensino Médio, 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uem_port_pdp_rosangela_alda.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BEZERRA, G.G.R. **Contingências do trabalho docente na escola pública: ensinar a ler e a escrever num contexto de mudança**. / Gema Galgani Rodrigues Bezerra; orientação Idméa Semeghini-Siqueira. São Paulo: s.n., 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16092010-134349/fr.php>>. Acesso em: 05 jun. 2015.
- ELÍADE, Mircea. **Mito e real idade** – debate e filosofia. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FRANCHINI, A. S & Seganfredo, Carmen. **As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, mostros e guerras da tradição greco-romana**. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 22. Ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura escolar. In: _____ (Org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- GIL, Antonio Carlos. Modos e técnicas de pesquisa social. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2015.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MORAIS, José. O que é leitura? In: _____. **A arte de ler**. São Paulo: Unesp, 1996.
- PELANDRÉ, Nilcéia... [et al]. **Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura**. Florianópolis, 2010. Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.
- MILITÃO, Albigenor & Rose. **Jogos, Dinâmicas & vivências Grupais**. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2000.
- LOBATO. Monteiro. **Os doze trabalhos de Hércules**. São Paulo: Globo, 2010.
- LOBATO. Monteiro. **O Minotauro**. São Paulo: Globo, 2010.
- MONFARDINI. Adriana. **O mito e a literatura**. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol5/v5_4.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2015.

SANTOS, Ana Claudia Custódio dos; CARDOSO, Tânia Dolores Pires; NASCIMENTO, Thayane Olívia Detone do. O método recepcional e sua aplicação no ensino fundamental. In: X SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS - Estudos Linguísticos e Literários. 2013. Anais... UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2013. ISSN – 18089216. p. 426 – 435.